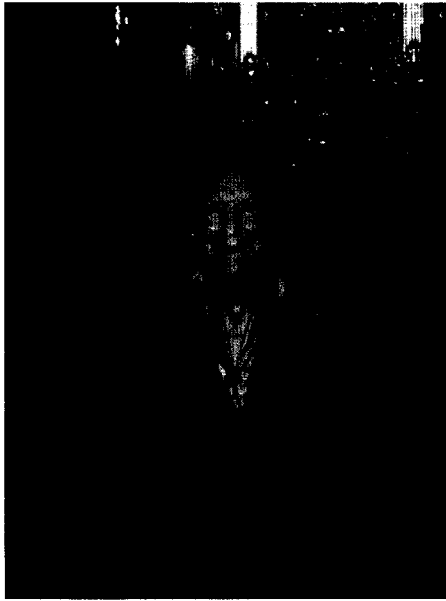




## I – DOSSIER ESPECIAL

### 120 ANOS DO IHGSP

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo foi fundado na capital paulista, no dia 1º de novembro de 1894, numa concorrida sessão que se realizou no salão nobre da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. 120 anos depois, o aniversário do IHGSP – um dos mais antigos de todo o País – foi comemorado bem ao lado do edifício novo da mesma Faculdade de Direito, na Igreja das Chagas do Seráfico Pai São Francisco, da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência (atualmente, Ordem Franciscana Secular). Nessa igreja, que acabava de ser primorosamente restaurada, ocorreu no dia 19 de novembro de 2014 a sessão comemorativa, que se revestiu de brilho excepcional. Nela tomaram posse sete novos sócios do Instituto, entre os quais sobressai a figura do General-de-Exército João Camilo Pires de Campos, então comandante da Região Militar Sudeste, e mais tarde promovido para a Chefia do Departamento de Educação e Cultura do Exército. A solenidade foi abrilhantada com a participação do Coral da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Reproduzimos a seguir, *ad perpetuam rei memoriam*, os discursos proferidos na ocasião.





## **“UMA INSTITUIÇÃO FORTEMENTE DINAMIZADA PELA REFLEXÃO HISTÓRICA E MEMORIALISTA”**

NELLY MARTINS FERREIRA CANDEIAS  
(*Presidente do IHGSP*)

- Excelentíssimo Senhor General João Camilo Pires de Campos, na pessoa de quem saúdo todas as demais autoridades presentes,
- Excelentíssimo Senhor Ministro José Gregori,
- Excelentíssimo Senhor Professor Ives Gandra da Silva Martins,
- Senhores Membros do IHGSP que hoje tomam posse nesta data festiva,
- Senhoras e Senhores, amigos de São Paulo.

Na honrosa função de presidente do IHGSP, com responsabilidades acrescentadas por generosa reeleição, tenho a honra de falar no dia da comemoração dos 120 anos desta instituição.

Estamos reunidos no chão de Inhapuambuçu de Piratininga, nas terras de Tibiriçá, onde como um rizoma foi surgindo aos poucos a base cultural desta Nação.

Esta Igreja foi inaugurada em 1644, no triângulo de Piratininga, em cujos vértices permanecem os históricos conventos de São Francisco, de São Bento (1598) e do Carmo, (1594), reforçando a espiritualidade e a fé que sempre iluminou o Brasil.

Congregaram inicialmente, na Ordem Terceira, as famílias de bandeirantes: os Bueno, Camargo, Arzão, Siqueira de Mendonça, Cardoso de Almeida e Campos Bicudo.

A eles se deve a construção da primeira Capela da Ordem, em 1676, mediante a abertura de um arco na parede da Igreja dos Frades Menores, criando assim um lugar para celebrações espirituais e sepulturas em solo sagrado.

Isso ocorreu durante a notável expansão paulista do século XVII, constituída pela primeira e segunda geração de portugueses, que trouxeram, com

eles, as raízes espirituais, éticas e morais, ao tempo em que bandeirantes sertanistas caminhavam nas terras sem fim de um Brasil que amanhecia.

Trilhando as ramificações do Peabiru em todas as direções, mas sobretudo em direção ao sul e ao oeste de um território imenso – da “*terra brasilis*” – os bandeirantes compartilhavam os segredos de um Estado, dividido pela conspiração de um meridiano imaginário do Tratado de Tordesilhas.

Nas palavras de Miguel Torga, “*era o resto do mundo que faltava – porque faltava mundo!*”.

Movidos, sim, pela ambição, “*auri sacra fame*”, mas também pelo amor à Pátria e ao reino, os bandeirantes foram conquistando territórios sem limites, até às margens do Prata, além do Pantanal, para chegar ao Guaporé, Mamoré, Madeira e Amazonas e, assim, fechar o arco das terras percorridas.

No alvorecer de um mundo novo, inteligentes e audazes, os bandeirantes sonhavam com o descobrimento de terras desconhecidas e com os resultados de suas gloriosas conquistas para o reino de Portugal.

Aqui viveram e aqui morreram. Na sacristia, à direita da nave desta igreja, repousam, entre outros, os restos mortais dos bandeirantes Brás Rodrigues de Arzão, Fernando de Camargo, Diogo Bueno e Manuel de Campos Bicudo.

Senhoras e Senhores,

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo é uma instituição fortemente dinamizada pela reflexão histórica e memorialista, em luta perene pelo bem comum da sociedade e avanço da humanidade.

Foi criado no dia 1º de novembro de 1894, por iniciativa de Estevão Leão Bourroul, Domingos Jaguaribe e Antônio de Toledo Piza.

Esses três representantes da cultura paulista congregaram-se num pensamento comum: fundar uma instituição que, por meio de investigações seriamente documentadas, constatasse a verdade do nosso passado, pondo em relevo fatos que marcam de glória e de heroísmo a memória dos brasileiros paulistas.

Além deles, por presença ou representação em assembleia convocada, mais 136 pessoas deram prestígio e força a esse notável empreendimento.

Durante a assembleia elegeu-se, por aclamação, a primeira diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e seu primeiro Presidente Ho-



norário, Prudente de Moraes, que duas semanas depois assumiria a Presidência do Brasil.

Nos seus sempre jovens 120 anos de vida, a mensagem que o Instituto transmite é a de reconhecer que a memória histórica representa um dos maiores benefícios que a nossa breve existência terrestre tem para nos oferecer.

À semelhança dos homens, também as instituições têm uma forma de consciência, que se manifesta pelo dever cívico de lembrar os nomes daqueles cujos legados contribuíram para o engrandecimento e para a moralização da Pátria, nossa mais profunda razão de ser.

Recomenda a tradição que, em solenidades como esta, se recordem os nomes daqueles que, em vida, se destacaram nos quadros sociais do instituto, desde 1894, e cujos feitos, como exemplos, permanecem vivos na memória dos brasileiros paulistas.

Encontram-se reunidos nesta Igreja, para comemorar os 120 anos deste Instituto, os descendentes das famílias que nos primórdios desta entidade, e nos seus primeiros tempos, contribuíram para seu progresso, projetando-o na história, na geografia, no direito, na política e no magistério doutrinário.

Além desses, também estão presentes, aqui, os membros do atual quadro social do Instituto que, com o mesmo brilho e tenacidade, têm contribuído pela defesa da memória paulista, neste país em que quase tudo se esquece.

Cento e vinte anos é tempo suficiente para evocar o mérito dos nossos predecessores por intermédio das gerações sucessivas de suas famílias, cujos documentos se encontram preservados no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e no Arquivo Público do Estado de São Paulo, por comodato entre as duas instituições.

Nada ilustra melhor o significado deste momento do que as palavras de Rui Barbosa, Presidente de Honra do IHGSP, eleito em 5 de outubro de 1908, ao dizer: *“A pátria é a família amplificada. E a família, divinamente constituída, tem elementos orgânicos como a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença e o sacrifício. É uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas... Multiplicai a célula, e tendes o organismo. Multiplicai a família e tereis a pátria. Sempre o mesmo plasma, a mesma substância nervosa, a mesma*

*circulação sanguínea”.*

Aqui estamos hoje, na Igreja de São Francisco, como “*almas entrelaçadas*”, para recordar a memória das famílias que, sucessivamente, têm se perpetuado desde 1894 até a presente data.

Tancredo do Amaral, um dos fundadores do nosso Instituto, em livro publicado em 1895, diz que a história de São Paulo também se conhece pela biografia de seus mais notáveis nomes.

Relembrá-los é uma liturgia cívica àqueles que participaram da civilização paulistana e que, no passado, plasmaram nossos espíritos e nos ensinaram a respeitar os símbolos do Brasil – o brasão, a bandeira, o selo, nossos hinos e datas comemorativas, para assim garantir a perpetuação da identidade social – o sentimento de sermos brasileiros, o sentimento de sermos brasileiros paulistas.

Passo a citar os nomes de seus ascendentes. Refiro-me àqueles que frequentaram nosso Instituto, a partir de 1894 até o ano de 1981, cujos descendentes, presentes nesta cerimônia, integram o atual quadro social do Instituto:

Horace Lane (fundador)  
Teresa Cristina de Cunha Bueno  
Carlos Botelho  
João Francisco Malta Júnior  
Leoncio do Amaral Gurgel  
Benedito Calixto de Jesus  
Estevão Leão Bourroul  
Alfredo Ellis Junior  
Bento de Abreu Sampaio Vidal  
Paulo Setubal  
Cristiano Carneiro Ribeiro da Luz Junior  
Luiz Ribeiro do Vale  
Luiz Tenório de Brito  
Carlota Pereira de Queiroz  
Joaquim de Abreu Sampaio Vidal  
Sud Mennucci  
Ernesto de Sousa Campos



Paul Kigar e  
Israel Dias Novais.

Tendo como ponto de referência essas famílias e o que delas se recorda, levanta-se uma questão que nos coloca na contemporaneidade: a família, enquanto instituição, está desaparecendo?

Neste mundo de propostas desencontradas, um hedonismo primário tem afetado as relações sociais, principalmente por parte dos jovens em relação a instituições de grande porte e de forte presença intelectual.

Esse hedonismo primário, de fácil acesso, conduzido pela ambição do lucro imediato e muitas vezes criminoso, configura o perfil de uma juventude individualista e egocêntrica, cujos estilos de vida pretendem atenuar um sentimento de insegurança, de abandono e solidão. Recorrem por isso ao uso contínuo do celular e da internet, com entrelaçamentos virtuais muitas vezes pervertidos pela força das redes sociais.

O Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. Odilo Scherer, publicou em outubro deste ano, em “O Estado de São Paulo”, o texto “*Família, Igreja e Sociedade*”, onde se lê: “*A questão é bem mais profunda; o Sínodo convocado pelo Papa Francisco expressa as suas perplexidades sobre a realidade familiar enquanto tal. Como será essa família no futuro e quais serão suas atribuições? Ela ainda será capaz de desempenhar as suas funções em relação à pessoa, à comunidade humana e à própria comunidade religiosa?*”

A resposta a essa pergunta é assustadora.

A multiplicação dos crimes em família tem deixado a opinião pública brasileira em estado de contínuo choque. Basta ler os jornais e observar as notícias divulgadas na televisão e na internet diariamente.

Apesar da inegável evolução da família, a forma de educar não tem evitado a violência entre seus membros. Pelo contrário, a própria família gera violência doméstica, ao desprezar valores enquanto ente familiar.

Muitas adotam formas de comportamento excessivamente complacentes, outras são desatentas em relação às escolas de seus filhos, inebriados todos, pais e filhos, pelo fascínio de um consumo induzido e pela atração traiçoeira do *marketing* pessoal.

Os pais se distanciam dos filhos e os filhos se afastam dos pais e avós.

Na falta de educação e diálogo, os jovens crescem sem amor e sem amparo afetivo. Não admira que, em tal cenário, recorram aos amigos, a “baladas” e a drogas que provocam a crise da autoridade paterna e a desumanização das relações familiares.

É oportuno lembrar que, se a família é a base do processo de socialização dos indivíduos, seria fundamental que ela estivesse estruturada de tal forma que o relacionamento entre seus integrantes fosse pautado na harmonia e no respeito mútuo, considerando-se a influência que tal grupo exerce na vida de cada um.

A Nação precisa ter identidade coletiva, mas, infelizmente isso não está ocorrendo. A ética, a moral e a religião têm perdido espaço no cotidiano de famílias, nos lares e nas escolas. Estamos todos à deriva e assustados.

No telejornalismo, a mídia sensacionalista divulga diariamente temas chocantes como a violência doméstica e outros tipos de agressão. E o público se atemoriza com o aumento vertiginoso de crimes e com a desumanização espantosa nas terras de um Brasil entristecido.

A paz começa na família. No âmbito da classe média os filhos e pais se matam, pais corrompem e abusam dos próprios filhos, filhos roubam os pais, consequência inevitável da falta de amor e de fé. São expressões do total descaso pelos conceitos fundamentais da educação e do convívio social.

Não se trata aqui de fazer uma apologia ao modelo de família do século passado, comparando-o ao modelo do momento presente, mas de propor maior reflexão e acesso a intervenções rápidas e eficientes.

Na tentativa de esboçar uma resposta sobre o destino das famílias brasileiras, talvez possamos afirmar que o sentido mais tradicional da palavra família, característico do século passado, está em extinção.

Mas, se considerarmos a família enquanto grupo e fenômeno social, pode-se dizer que ela está passando, sim, por uma perigosa crise de reestruturação. Precisa mais do que nunca de cuidados e atenção, para que os pais voltem a assumir suas responsabilidades, num clima de solidariedade e de paz.

Não tenho dúvida de que a nossa sociedade entrará por caminhos melhores, quando os pais ensinarem aos seus filhos, com o exemplo e a palavra, a necessidade de sair do círculo dos próprios interesses, de forma a contribuir





para o desenvolvimento dos demais.

Empenhados em defender tais valores, o IHGSP criou seu Conselho de Paz que, recentemente, recebeu o apoio das Nações Unidas/UNESCO, com a proposta, já aceita, de instalar, em nosso edifício-sede, uma exposição permanente sobre a violência na cidade de São Paulo.

Quando uma cruel ausência de valores e de esperança nos mergulha em assustadora crise moral, habilmente conduzida pela mídia em prol de um consumismo individual e globalizado, é gratificante a presença de todos que aqui nos honram com suas presenças, assim como daqueles que hoje, em data memorável, tomam posse no IHGSP.

Figuras exponenciais da cultura e da sociedade paulista, trazem em seus corações uma chama promissora de inspiração divina e uma convicção que nos faz acreditar num São Paulo maior e num Brasil mais justo e feliz.

Aqui fazemos ponto final nesta resumida apresentação dos 120 anos do IHGSP.

Encerro com as singelas palavras da mensagem cristã de São Francisco:  
*“Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa Paz”.*

Muito obrigada.

